

A MEMÓRIA DAS RUÍNAS

Davi Alexandre Tomm¹

O viajante estava já a muito cansado da caminhada pela terra de Sinear, quando, do alto de um monte, colocando a mão sobre os olhos, avistou, com dificuldade, pois o sol descia perpendicular à linha do horizonte e seus raios pareciam vir direto na direção de seus olhos, ao longe a sombra de algo grandioso, mas incerto. Parecia-lhe uma cidade, mas havia algo de estranho, pois no meio daquela cidade uma sombra maior subia por alguns metros até se interromper subitamente, de modo abrupto e pontudo, como se fosse o pino de um gigantesco relógio solar. Sem saber o que esperar daquilo, mas cansado demais para ficar parado ali naquele sol, o viajante dirigiu-se ao gigantesco relógio, na esperança de que, sendo uma cidade, conseguisse descanso e água para si. A caminhada ainda era um tanto longa pela planície que se espalhava ao redor até perder-se de vista, como um vasto oceano de areia dura por sobre a qual uma fina camada de areia mais fina revolteava de vez em quando em pequenas vagas quando tocadas pelo vento. A sombra não identificada ficava bem no meio desse oceano, e, conforme ele descia o morro, ela deixava de parecer o grande relógio para se tornar uma pequena ilha incrustada no meio do vasto oceano. Quanto mais se aproximava, mais ele divisava na sombra aquilo que ele esperava que fosse, uma cidade. Porém, isso não o fazia sentir-se bem, mas, estranhamente, sentia algo incomodo o abalar a cada passo em direção aquele fantasma assombroso jogado ali no meio, pois sua imagem jogava cada vez mais sobre ele a sombra de algo terrível – e mesmo que, conforme ia se aproximando, já pudesse se proteger do sol na sombra do grande pináculo pontudo, o alívio físico era tocado pelo desconforto metafísico de que estava diante de um mistério digno de morte. Quando finalmente ele se aproximou o suficiente para ver o que era, percebeu que seu sentimento de desassossego aumentou ainda mais: sim, era, no final das contas, uma cidade: grandiosa, impressionante, assustadora; porém, a sombra que ela projetava na planície tornava-se, agora que ele já estava quase aos pés de seus muros, o presságio malévolos de sua verdadeira natureza: era uma grande cidade abandonada. Pelo menos do ponto de vista que ele tinha, que

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutorando em Estudos Literários pela mesma instituição.

não era obviamente privilegiado, não havia modo de se perceber vida dentro daquelas paredes grandes e bem construídas, apenas o vazio e o abandono. Quando ele finalmente chegou a um dos portões que havia no muro externo, que não passava de um buraco onde outrora um grande portão de madeira provavelmente estava pendurado, seu medo pareceu se confirmar, a cidade estava abandonada, ou isso, ou ninguém gostava de andar pelas ruas naquele horário. Ele ergue a cabeça para ver o que era aquele grande pináculo que à distância havia chamado tanta a sua atenção, e percebe que era uma torre, ou pelo menos o que havia sobrado dela. Sua base era de um tamanho descomunal – o que obrigara à cidade ao redor dela ser também de um tamanho incrível para aquela região do mundo – e ia subindo em círculos concêntricos, todos eles ornados com pequenas janelas, sendo que por fora subia uma espécie de rampa, circundando a torre. Sua ponta, que de longe parecia quase a ponta de uma agulha era, na verdade, os destroços do último círculo que havia sido construindo, sendo ele apenas uma parte da parede oeste, que desmoronara aos poucos em direção ao leste, fazendo com que essa parede, de longe, parecesse uma ponta fina. O resto da cidade estava em ruínas tão melancólicas quanto a torre, mas em condições ainda melhores; algumas das casas, inclusive, tinham uma estrutura externa tão bem conservada que poderiam ser habitáveis, mas ele não ousou adentrar em nenhuma delas para ver como estavam por dentro, pois sentiu-se cada vez mais estranho a cada passo dado para dentro do primeiro muro, como se estivesse entrando em um lugar sagrado, em um daqueles grandiosos templos dos quais apenas algumas ruínas foram deixadas pelo tempo e pelos homens, mas que precisamos ainda ter respeito ao entrar, pois eles carregam em si a marca do tempo além do tempo, do mundo, da vida e da morte. Por isso, ele andava a passos muito esparsos, curtos, olhando cada centímetro do primeiro círculo da cidade, que havia sido construída com um padrão parecido com o da torre, mas sem subir, espreitando cada esquina e canto, com o sentimento muito vivo de que de algum lugar, a qualquer momento, uma criatura misteriosa poderia saltar sobre ele, derrubando-o e segurando-o pelos ombros enquanto jogava o peso do seu corpo sobre o dele, com olhos misteriosos e calmos, mas com uma boca furiosa, perguntaria qual seu direito em estar ali? como ousara ele entrar num lugar sagrado como aquele sem antes fazer todas as oblações necessárias? Esse medo havia se transformado em uma sensação tão viva dentro dele que era como se ele sentisse aquela presença viva na cidade, o que transformava as ruínas gigantescas

num grande labirinto habitado por um monstro destinado a persegui-lo e cuja missão ao encontra-lo era mais terrível quanto mais misteriosa fosse. Desse modo, ele não sabe ao certo se fora o medo real de que alguém lhe pudesse fazer mal ali ou se o medo imaginário da besta que o fez ter um susto tão grande a ponto de leva-lo à perda dos sentidos temporariamente, quando, de súbito, um gato pulou da janela de uma das casas e saiu correndo na direção contrária dele, enquanto logo atrás saiu, da porta da mesma casa, um grande cachorro pardo que seguiu em perseguição do gato. O viajante não sabia exatamente quanto tempo ficara apagado, mas pela posição do sol, quando finalmente voltou a si, havia sido apenas alguns minutos. Ele ainda estava no mesmo lugar, em frente à mesma casa de onde saíram os dois animais, mas não estava deitado totalmente no chão, como provavelmente deveria estar, mas encostado ao muro externo – alguém o havia mexido. Demorando um tempo para voltar a si, a visão ainda turva, ele percebeu que o gato agora se sentava no parapeito da janela, lambendo as patas e passando-as pelas orelhas, e o cão dormitava mais ao lado, estirado atravessado na porta. A perseguição que provocara sua apoplexia havia sido apenas uma brincadeira dos dois amigos, e ele havia quase morrido do coração por causa de uma coisa tão ingênua. De repente, ele sentiu que havia mais alguém ali, no beco que se formava por causa do intervalo entre a casa do gato e do cão, e a casa ao lado, estava uma sombra humana, sentada no chão, com as pernas encolhidas contra o peito, os braços ao redor delas e a cabeça levemente para cima, com o cocuruto a tocar a parede. Depois do primeiro susto, seu corpo ainda estava se recuperando, e parecia que ainda não havia força suficiente no sangue para que houvesse outro ataque, ou mesmo para que ele sentisse medo. Sentia-se apenas confuso, e sem saber exatamente como proceder. De repente, o outro pareceu entender isso, e, sem dizer uma palavra, levantou-se e aproximou-se dele. Perguntou na língua que o viajante conhecia, se ele estava bem. Espantado com esse fato, já que ele nem mesmo era daquela região do mundo, antes de responder à pergunta, ele quis saber como o outro sabia sua língua – “eu sei muitas línguas”, este respondeu. O viajante olhou bem para aquela figura que se encontrava a sua frente, levemente curvada sobre si, vestida com uma túnica bem simples e rústica, ainda que limpa, cuja aparência ele não podia definir de que região do mundo era – justamente ele, que já havia viajado tanto, e que conhecia tantos lugares pessoas diferentes –, com os pés descalços, mas de modo algum sujos, os cabelos até os ombros, de uma negritude que

brilhava ao sol, ondulados nas pontas, e o olhos mais incríveis que ele já vira, não pela cor, que era comum, mas pela placidez, mansidão, e plenitude de atenção. O viajante lutou para desviar o olhar daqueles olhos para que conseguisse falar novamente, e perguntou se o outro morava ali; ele olhou em direção a casa onde agora o gato dormitava sobre o cachorro, olhou de um modo estranho para a direita e a esquerda, como se com isso sua vista alcançasse toda a cidade, e apenas repetiu a palavra “morar”, com um tom de dúvida, deixando-a pairar no ar. O viajante, achando que seu interlocutor estava com dúvidas, elencou outras palavras: “viver”, “habitar”, “residir”? O que fez seu companheiro sorrir pela primeira vez, e responder que sabia que essas palavras eram todas “aparentadas”, mas que não achava que nenhuma delas definia com justeza sua condição. Cada resposta daquela estranha criatura fazia o viajante ficar mais confuso, mas estranhamente ele não conseguia se irritar ou insistir nas perguntas, alguma coisa nele, que certamente vinha do outro, o fazia querer ir adiante na conversa, assim como ele seguia adiante nas suas viagens. Eles finalmente entraram na casa onde dormitavam cão e gato, que, acordados pelo movimento, mudaram de lugar, o gato deitando-se no colo do estranho e o cão ao lado do viajante. Este recebeu água e um pão, comeu e bebeu com sofreguidão e, então, finalmente começou a perguntar sobre a cidade. Mas novamente as respostas do outro eram estranhas. A cidade não havia sido destruída, mas simplesmente abandonada. Por quê? Por ordem do Senhor; o senhor da cidade? Não exatamente... Cansado disso, o viajante pediu apenas que o seu interlocutor lhe contasse a história do lugar. Ao que lhe foi narrada uma história que ele conhecia em muitos pontos, mas que em alguns lhe soavam estranhos. A cidade havia sido construída há muito tempo, por homens que vieram do oriente, após uma catástrofe que havia devastado o mundo todo. Eles eram os descendentes dos únicos sobreviventes desse cataclismo, e por isso falavam todos a mesma língua. Ao chegarem a essa planície, decidiram habitá-la, e queriam construir uma cidade. Eram unidos, pois não só falavam a mesma língua como dividiam entre si a memória da catástrofe que seus pais lhes narraram, o que lhes dava uma união difícil de ser quebrada. Não tinham líderes, e decidiam tudo em conjunto. Porém, havia já neles algo de ruim: o orgulho. Queriam construir algo grandioso, tão grandioso que tornasse o nome deles célebres. Sendo assim, quiseram construir aquela torre. A cidade para a habitação, a proteção e a união deles vinha em segundo plano, antes de tudo vinha o orgulho de querer fazer algo grandioso. Foi quando o Senhor nos

chamou, nós descemos e viemos ver o trabalho deles. Era incrível, como você mesmo pode ver por essas ruínas, que falam muito da grandiosidade que seria esse lugar. Trabalhavam como formigas, eram incansáveis, inabaláveis e incrivelmente unidos. O Senhor nos chamou e disse que eles, daquele jeito, não haveria o que eles não pudessem fazer, fariam coisas incríveis, mas também terríveis, era perigoso, embora fosse magnífico. Eu fiquei triste, pois achava mesmo que era magnífico e belo o que eles faziam, não só o produto, mas como faziam: sua organização e presteza, sua forma de trabalhar e se ajudar. Porém, no fundo eu sabia que Ele estava certo, que era perigoso. Nos ordenou que entrássemos lá e confundíssemos as línguas deles. Foi o que fizemos. Cada um de nós entrou na cidade e ficou responsável por uma família, afinal, somos muitos; nós pedimos permissão, entramos em suas casas, os convencemos de que seria muito interessante para eles se aprendessem uma nova língua, e eles aceitaram; nós começamos a ensinar, para cada família, uma língua diferente, mas assim que eles iam aprendendo essa nova língua, eles iam esquecendo a antiga, e, mais importante, um sentimento de querer conhecer outros lugares do mundo ia tomando conta deles. Após alguns meses – naquela época havia tempo, e se aprendia rápido, pois todos eram como crianças com fome de conhecimento e com facilidade para aprender, e nós também éramos ótimos professores –, as primeiras famílias começaram a sair da cidade. Uma a uma elas foram reunindo suas coisas e se dirigindo para outros lugares. A cidade começou a ser abandonada, a torre começou a ser esquecida – na verdade, já desde o início das aulas que a torre começou a ficar em segundo plano, pois o sentimento de estar aprendendo algo novo e a curiosidade em conhecer outros lugares começava a tomar conta de suas mentes e corações, de modo que gradativamente o número de gente trabalhando na torre foi diminuindo. Lembro-me bem de quando os últimos trabalhadores, eram homens da minha família, moravam nesta casa, ainda tinham um resto de memória do seu antigo sonho, subiram aquela última parede, que ainda se vê lá; lembro-me que anos depois, quando sua lateral começou a ruir, isso me chamou a atenção e eu me lembrei desse lugar, por muito esquecido inclusive por nós, e, então, voltei. Foi o barulho dos tijolos queimados caindo quando uma tempestade os atingiu que me fez voltar para cá. Encontrei esse dois amigos, que vagavam por aqui, não sei desde quando, mas estavam famintos, então alimentei-os e, desde lá, venho seguido para cá, andar por aqui e lembrar de quando essa cidade era cheia de vida. Percebo hoje que, de um certo

ponto de vista, nosso trabalho foi em vão. Assim como eu não me esqueci disso aqui, parece-me que alguma réstia de memória ficou nos homens que daqui saíram e se espalharam, e para todo lugar que foram, para toda cidade que construíram, eles ergueram novos monumentos grandiosos que, no final, servem apenas para que se lembre do nome deles – novas torres, mas também outros tipos de construção, tudo em nome do orgulho de seus nomes, tudo para que os prédios sejam novamente destruídos e tornem-se ruínas.

E o fato é que desde então, milhares de anos se passaram, a humanidade construiu gigantescas estátuas para deuses destruídas por terremotos e furacões; templos enormes destruídos pela guerra; jardins e mausoléus destruídos igualmente pela força da natureza, do tempo ou do próprio homem... Realmente, uma memória atávica parece ter ficado no fundo de nosso cérebro, nos fazendo ter sempre essa vontade de construir coisas que não servem para proteção, habitação, mas para o nosso mero orgulho. Até que transformamos mesmo as moradias em grandiosidades: nossas habitações se tornaram grandes monumentos, nossos escritórios são torres babélicas. Milhares de anos depois daquela história – que eu lera em um caderno encontrado no meio do material do Historiador da Arquitetura, Jacques Austerlitz, junto com uma anotação: “de algum modo nós sabemos por instinto que os prédios de tamanhos excepcionais lançam a sombra da sua própria destruição antes deles, e são projetados do início com um olho para sua última existência como ruínas” – eu caminhava por Nova York e deparei-me parado diante de um memorial que despertou em mim os mais estranhos sentimentos. Eu cheguei a pegar a câmera, mas parei no meio do ato, e devolvi-a para a mochila. Algo em mim me fez sentir-me como se estivesse diante de algo sagrado, cujo ato de tirar foto fosse uma profanação horrível. As memórias que aquele lugar despertara iam além da minha história pessoal; obviamente a imagem na TV da cantina do museu de tecnologia da Universidade, naquela tarde de setembro, que parecia ser de um filme e que todos nós alunos da turma que fazia o passeio de escola demoramos a entender que era real ainda me era presente. Também lembrava de como foi todo o resto daquele ano, de como aquilo havia mudado definitivamente as vidas de todos, até mesmo de quem não tinha a menor conexão com aquele país, aquele lugar, aquelas pessoas. Porém, essas memórias se misturavam com outras que eu não conseguia reter para poder saber exatamente o que eram. Eu me sentia confuso e um tanto sonso, quase prestes a desmaiar. Quando resolvi sair dali,

voltando por uma rua obscurecida pela sombra dos outros tantos prédios altos da cidade, assustei-me com um gato que pulou de um beco e saiu em disparada, sendo perseguido por um cão. O susto quase me prostrou, mas consegui a muito custo manejar para chegar ao hotel. Quando finalmente coloquei a cabeça no travesseiro, ainda não era noite, mas o por do sol estava tão próximo que já era escuro em boa parte da cidade, e senti que a tontura espalhou-se da cabeça pelo corpo, diminuindo aos poucos e se transformando em uma letargia; demorei a relaxar, mas quando isso aconteceu, eu não sabia se dormia ou estava acordado, não sabia se olhava para o teto no escuro ou se estava de olhos fechados, apenas lembro que me vi nitidamente, como que transportado, no Museu de História da Arte, em Viena, no ano antes de minha partida para Nova York, olhando a pintura de Bruegel, *Torre de Babel*, e sentindo exatamente a mesma coisa que senti naquela época: a sensação de ter andando por aquela cidade, de tê-la visitado, e de ter pensado, enquanto saía do museu, será que aquele instinto não passa de uma memória muito antiga?